

## ANDRÉ DREYFUS

(1897-1952)

Pioneiro da Genética no Brasil

Prof. Carlos da Silva Lacaz

Professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

**T**ive o privilégio de ser aluno e amigo do Prof. André Dreyfus, mestre insigne, pioneiro da Genética em nosso meio e que iniciou sua carreira na velha "Casa de Arnaldo", o templo de minha melhores oblações. Reverenciando sua memória, publico curta biografia do renomado médico e biólogo, dono de vasta cultura humanística. André Dreyfus nasceu a 5 de julho de 1897, em Pelotas (RS), falecendo em São Paulo em 1952. Matriculou-se na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, diplomando-se em 1919, após curso brilhante, tendo obtido o primeiro lugar em sua turma. De 1919 a 1925 manteve curso privado de Histologia, tendo lecionado a mais de mil alunos. Em 1927, a convite de Pedro Dias da Silva, então diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, foi contratado para assistente de cadeira de Histologia e Embriologia. Ao ser criado o curso pré-médico, em 1932, foi designado para reger a cadeira de Biologia Geral. Em 1934 foi nomeado professor catedrático de Histologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, tendo sido, também, professor da mesma cadeira na Escola Paulista de Medicina. Em 1933, ao cogitar o governo do Estado na criação da Universidade de São Paulo, fez parte da comissão encarregada da elaboração de seu anteprojeto. Em 1937 assumiu, após brilhante concurso, o cargo de professor catedrático de Biologia Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Realizou, então, várias visitas aos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, promovendo conferências sobre vários temas de genética, área em que era especialista renomado. Publicou numerosos trabalhos, principalmente sobre drosófilas brasileiras. Sua tese de professorado à Faculdade de Filosofia tem o título "Contribuição para o Estudo do Ciclo Cromossômico e da Determinação do sexo de *Rhabdias fülleborni* Travassos, 1926. Estudou a evolução dos ovócitos contidos nos testículos do sapo, vários problemas de herança, o controle genético das reações bioquímicas, o sexo nos himenópteros, doenças hereditárias, cromossomos de marsupiais brasileiros, etc. Em 1927, ao vir para São Paulo, iniciou o ensino da citologia e da genética, estudando a célula em todas as suas minúcias. Ventilou, então, em cursos e magníficas conferências, temas dos mais interessantes, como o mendelismo clássico, a teoria cromossômica da herança, a crítica das teorias evolucionistas clássicas, a teoria das mutações e a determinação do sexo. Expunha sempre de forma clara e concisa, com vivacidade que lhe era toda própria, sendo, indiscutivelmente, um dos mais brilhantes professores da Faculdade de Medicina. Estudava, ensinava e pesquisava. Foi um autodidata incomparável. Sem mestre e



Guaratingueta - Chalé da Família Lacaz Tom. U. U. 70

sem viagens, disse Zeferino Vaz que dele, em março de 1959, na revista Anhembi, traçou perfil muito feliz, penetrou nos problemas da citogenética, da evolução e da variação, adquirindo conhecimentos certos e profundos, e iniciando, daí por diante, pesquisas originais. Ensinar foi o seu divertimento preferido. Grande conferencista, ensinou a milhares de jovens. Realizou vários cursos extraordinários sobre microscopia, histofisiologia das glândulas de secreção interna, citologia, genética etc. Tornava compreensíveis os assuntos mais complexos. Dreyfus foi o primeiro a divulgar entre nós os trabalhos fundamentais de Pavlov sobre os reflexos condicionados. A partir de 1934 passou a descrever numerosos trabalhos de pesquisa sobre citologia das gônadas, estudando particularmente o comportamento cromossômico e o mecanismo da determinação do sexo. São desta fase os trabalhos referentes a um tipo especial de mitose nas células foliculares de gafanhotos; sobre o retículo-endotélio do testículo do rato branco; sobre as modificações das gônadas do camundongo branco por inoculação de urina de mulher grávida e azul de tripan; a influência do cloral sobre a raiz do alho; o estudo da fisiologia das células de Berger (ovário); a ocorrência de ovócitos no testículo do sapo; a espermatogênese nos machos de vida livre, de *Rhabdias fülleborni* Travassos, 1927 (curioso nematóide, parasito muito comum nos pulmões de batráquios). Em 1943 vinha ao Brasil o grande geneticista Dobzhansky, iniciando, então, a "fase drosófiliana" de Dreyfus, preocupado

com todos os segredos de captura, identificação, cultura e cruzamento de drosófilas. Graças à colaboração da Fundação Rockefeller, conseguiu para seus assistentes bolsas de estudo. Pavan, Rosina de Barros, Brito da Cunha e Elisa Pereira foram seus primeiros colaboradores, os quais mantêm nos dias de hoje a brilhante escola do ilustre geneticista. Indiscutivelmente, a escola brasileira de genética animal nasceu por obra de Dreyfus. Vários de seus antigos discípulos fundaram, depois, outros centros de genética, realizando numerosas e originais investigações e publicando trabalho de real interesse sobre genética de populações, efeitos genéticos de radiação, bioquimicismo e metabolismo cromossômico. Seus discípulos souberam aproveitar a lição do mestre. André Dreyfus, disse com razão o prof. Zeferino Vaz, foi o homem que ensinou aos brasileiros a genética e as modernas doutrinas evolucionistas. Um dos primeiros livros publicados por André Dreyfus foi "Vida e Universo e outros Ensaios" (1934), no qual demonstra sua vasta cultura humanística, terminando com Goethe, quando dizia que ao "homem cabe agitar, e não resolver os problemas". Um dia, refere Dreyfus, citando o pensador agnóstico, de "Le Jardin d'Épicure", o último dos homens exalará, sem ódio e sem amor, sob o céu adverso, o último sopro humano. A terra continuará a rolar, levando, através dos espaços silenciosos, as cinzas da humanidade. E, do seio deste globo, onde a alma ousou tanto, mais nenhum pensamento se elevará para o infinito.

André Dreyfus (1897-1952) - Gaúcho de nascimento, pioneiro da Genética em nosso meio, com grande participação na fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da qual foi seu Diretor.

## Ciência e acaso

Irany Novah Moraes \*

*O acaso só favorece os espíritos preparados*

Pasteur

### I

As descobertas científicas, no campo da medicina, ocorrem basicamente por dois mecanismos: busca deliberada da solução de um problema e pela sorte. A primeira é feita através da investigação científica, procurando-se o denominador entre os casos observados, ou seja, *descobrimos a unidade dentro da variedade*. As experiências programadas, utilizando o método científico, interrogam a natureza para obter dela uma resposta, para, assim, esclarecer a dúvida. A procura, ainda que, muitas vezes, não se saiba claramente o que se busca, depende da capacidade de o pesquisador conseguir isolar os fatores intervenientes no fenômeno para verificar o seu grau de influência no desencadeamento ou agravamento. Se tudo isso não bastasse, o investigador deve ter *sensibilidade* para perceber o que muita vez está debaixo de suas vistas sem que o veja. O êxito do pesquisador exige *atitude de espírito*, ou seja, *estar sempre atento*, tornando-se, assim, capaz de captar o fato que pode ocorrer num instante inesperado. É o momento da *centelha* que conduz à descoberta ou à criação. Trata-se da coincidência, da ocorrência do fato com a percepção do pesquisador *num instante de iluminação das idéias* que todos vêem mas só ele enxerga. Alguns chamam esse fato de *sorte*!

A sorte deve ser considerada pois, não ocorre espontaneamente para quem não esteja alerta. A imaginação alimenta a curiosidade e esta, por sua vez, a dedicação à busca aprimorando assim a percepção. Muitas vezes um *raio de iluminação*, de certa forma um *bafejo da sorte*, é necessário para interpretar o fenômeno ou mesmo para criar uma obra. Na verdade, em pesquisa científica, não existe sorte, o bom resultado é *sempre um grande trabalho que deu certo*.

Feitas estas considerações preliminares vejamos um exemplo concreto de como ocorreu uma grande descoberta, com aparência de mero acidente do acaso. Refiro-me à descoberta da Penicilina por Alexander Fleming (médico britânico nascido em 1881 e falecido em 1955 - laureado com o Prêmio Nobel conjuntamente com E. B. Cham e H. Floren em 1945). Ele trabalhava há mais de quinze anos procurando uma substância que destruísse os micróbios causadores de doenças, mas que não lesasse as células do paciente. Preocupado com esse problema, achava a missão difícil mas tinha muita esperança em descobrir alguma substância que, pelo menos, enfraquecesse os micróbios de maneira a permitir que as células do próprio sangue (os fagócitos) se incumbissem de destruí-los. Chegou a trabalhar com mercúrio cromo, embora soubesse de sua grande toxicidade. Mesmo assim, esperava encontrar um grau ideal de concentração tolerável pelo organismo.

### II

A descoberta da penicilina ocorreu como obra

do acaso! Em 1928, Fleming empenhava-se no estudo do *estafilococos* para escrever um capítulo de uma grande obra, *System of Bacteriology*. Em seu pequeno laboratório, tudo muito amontoado - parecendo querer provar o valor da *desordem* - preocupava-se com o fato de ter de abrir a janela que dava para a Praed Street para amenizar o ambiente sufocante e costumava dizer: *o ar da rua poderia contaminar suas culturas pois, para estudá-las, precisava expor suas placas de Petri e assim abria a porta do contratempo, pois há sempre muita coisa trazida pelo ar*.

Certa ocasião, quando visitado por seu colega Melvin Pryce, mostrando suas culturas, subitamente se calou e, depois de alguns momentos de observação, comentou: *curioso! nesta placa desenvolveu-se um fungo e em torno dele as colônias de estafilococos estão lisadas (dissolvidas) e, em vez de formarem massas opacas, assemelham-se a gotas de orvalho*. Naquele momento ele descobria a penicilina!

Muitos notam um fato e não dão a ele seu real valor. Contentam-se em admirá-lo e depois o esquecem. O gênio não é assim, tem sensibilidade para notar e perseverança para perseguir seu esclarecimento.

Pryce testemunhou o instante em que a *centelha de iluminação* atingiu Fleming. Tal momento é minuciosamente relatado por André Maurois (Fleming - Tradução de Maria Franco, Editorial Aster-Lisboa S/D no capítulo - *Princípio ativo do bolor*).

O misterioso bolor da Praed Street o *Penicillium*, cultivado num caldo nutritivo, produzia um líquido com poder extraordinário. Mesmo altamente diluído, detinha o crescimento do estafilococos. Foi o acaso que o levou à placa de Petri, mas foi o espírito atento e preparado de Fleming que o fez vislumbrar o extraordinário poder terapêutico do antibiótico que tem salvo milhões de vidas.

### III

A força do destino - consta nos *Annals of the Royal College of Surgeons* vol. VI de fevereiro de 1950, o registro de Lord Webb-Johnson, seu presidente, a entrega da medalha de ouro a Fleming e o relato de Lister dizendo: *foi pena que eu não tivesse levado a cabo essa experiência, mas os fungos que eu vi não foram comprovatórios*. Se a sorte o houvesse favorecido a história da medicina seria outra e Lister veria o que sempre procurou, um *anti-séptico não tóxico*.

Desde o tempo de Pasteur e de Lister, os pesquisadores procuraram destruir um micróbio por meio de outro - *antibiótico*. A idéia existia, mas o *destino* agraciou Fleming. Foi sorte?

\* Dr. Irany Novah Moraes - Professor da Universidade de São Paulo - Presidente da Federação Brasileira de Academias de Medicina.

Foi em Toulouse, junto aos Pirineus franceses, na pacata província de Provença, que nasceu em 11 de dezembro de 1887 na casa nº 20 bis da rua de Saint Hilaire, Charles Romuald Gardes, que mais tarde se consagrou como Carlos Gardel, assumindo a nacionalidade argentina. Era um domingo! Dia de Deus! Os sinos matinais da igreja tolosana repicavam para a missa cantada. Nunca tão oportunamente! Acabava de nascer um trovador na ilustre Provença dos clássicos trovadores.

Filho de pai não assumido, cujo nome era Paulo, e de mãe lavadeira, Bertha Gardés, veio acompanhado de sua mãe para a Argentina com a idade de quatro anos. Em Buenos Aires, foi vendedor de fósforos aos seis anos, de cartões aos oito, aprendiz de tipógrafo e ourives aos quatorze. Nessa cidade iniciou suas andanças pelos palcos dos bairros pobres em exibições de comediantes cantantes.

Aos poucos foi galgando, através de exibições, ora burlesca, ora no melhor estilo gaúcho pampeano, ao som de guitarras, permeando com assadores de sabores cordeiros, ao correr do mate que vai de mão em mão, vibrando com a voz do cantor que se arranca pela milonga ou pelo estilo, assumindo o fervor da palavra coletiva. Numa destas reuniões, escuto de um famoso payador (cantor popular errante, geralmente gaúcho, que se acompanha a si próprio com violão) Betinotti: Este é um zorzal, señores! O apelido ficou, ao lado de outro: El Morochito de Abasto (o moreno de Abasto). Abasto, com seu mercado, o bairro com população de mazzes heterogêneas tão típicos de Buenos Aires, onde Gardel contava com maior número de admiradores em suas primeiras aparições. Pela sua tez, seus olhos e seus negros cabelos, ali era chamado de El Morochito por todos.



## CANTINHO LITERÁRIO

(\*) Adão Ferreira de Freitas

Medicina e Literatura no Brasil estiveram sempre lado a lado. Em nossa história literária não são poucos os médicos que ao lado de suas atividades clínicas ou cirúrgicas, escreveram obras de notável valor literário e com êxito tanto de público quanto de crítica. Assim é que Joaquim Manoel de Macedo escreveu *A Moreninha*, o *Moço Loiro*, e deu importante contribuição à nossa literatura, ao lado de Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*, *Sagarana*), Dyonélio Machado (*Os Ratos*, *O Louco do Cati*).

Mais recentemente um colega nosso reumatologista famoso, publicou uma série memorialística de extraordinário valor histórico e

estético. Claro que estamos nos referindo ao mineiro Pedro Nava (*Bau de Ossos*, *Balão Cativo*).

Os tempos mudaram, a carreira médica mudou mais ainda, a literatura especializada avolumou-se de tal maneira que se for tentar "ler tudo", não sobra tempo para mais nada. Tudo isso é verdade. Mas, se quisermos ler outros livros, sempre será possível. Dá para aproveitarmos o intervalo das consultas, o tempo na fila do banco e outras filas a que estamos sujeitos e por aí vai. Livros extraordinários em edições belíssimas é que não falta. Sensibilidade e inteligência para captarmos o que existe de melhor nos livros, ah isso os médicos têm em abundância. O próprio perfil dos candidatos à carreira médica já indica a de um indivíduo dado às leituras. É apenas necessário dar o primeiro passo e tornar-se um leitor em potencial também dos grandes livros. Para contribuir com essa iniciativa, quem ainda não os leu, assumimos com prazer a responsabilidade de indicar algumas magníficas obras literárias que, sem exagero, constituem parte de um tesouro imensurável do patrimônio cultural do mundo ocidental.

1. O TEMPO DO VENTO - Érico Veríssimo. Um vasto painel do Rio Grande do Sul desde o século XIX, cheio de lutas sangrentas entre famílias na

disputa pelo poder. Um épico repleto de personagens fascinantes, como Ana Terra e Capitão Rodrigo.

2. GUERRA E PAZ - Obra imortal de Lev Tolstói, um dos mais notáveis escritores russos. Críticos europeus têm afirmado com frequência ser esta talvez a maior obra literária de todos os povos e de todos os tempos. Theodoro Dreiser, um dos maiores escritores americanos, ao ser convidado para visitar a Rússia, respondeu que iria com o maior prazer se fosse para conversar com Pierre, com a princesa Maria, com o príncipe Andriei e com outros personagens do livro *Guerra e Paz*. A tradução desta obra está excepcionalmente bem feita e é de autoria de Oscar Mendes. Existem belas edições deste livro sendo a da Editora Aguillar (RJ) e a do Círculo do Livro as de melhor apresentação.

3. A LESTE DO ÉDEN - Livro extraordinário do escritor americano John Steinbeck, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 1953. Trata-se de uma obra densa com fortíssimas emoções a sua espera em cada capítulo. O momento da grande traição ocorrida já nos primeiros capítulos é dos mais dramáticos. A tradução é refinada e podemos dizer assim porque já temos a obra no original e em traduções para mais 5 idiomas. A autoria da tradução é do médico radiolo-

# O DE GARDEL

## Dr. Nelson Madrid

É Angiologista e Cirurgião Vascular em Limeira e Assessor Especial da Diretoria para Aposentadoria do Médico.



Gardel impôs o tango na Argentina, na América do Sul, do Norte, Europa e mundo inteiro. Graças à sua magnífica voz e capacidade interpretativa, deu alento à música portenha. Sua voz sonora e temperada ganhou asas e alçou vôo, dos modestos "barrios", até os palcos de Paris, da Broadway e Hollywood. Iniciou-se no cinema em 1931 em Paris, com o selo Paramount fazendo o filme "Luzes de Buenos Aires", onde canta:

Tomo y obligo  
Mande-se un trago!  
Que necessito  
el recuerdo matar...

Segue-se em 1932, lá mesmo em Paris: "Esperame", "La casa es seria" e "Melodia de Arrabal". Atuando ao lado da famosa Império Argentina, popularizou as estrofes:

Barrio... Barrio!  
Perdoná si al evocarte  
Se me planta un lagrimón  
que al rodar a tu empedrao  
es un beso prolongao  
que te da mi corazón!...

Em 1934 vai aos Estados Unidos e, em Nova York, firma contrato com a Paramount realizando com Alfredo Le Pera "Cuesta Abajo" e "El Tango en Broadway". Vieram depois, "El Dia Que Me Quieras" e "Tango Bar". Sua carreira durou pouco mais de vinte anos, produzindo mais de 800 discos.

Por mais que se tome conhecimento da vida de Carlos Gardel, chega-se à conclusão que a única presença feminina em sua vida foi de sua mãe, D<sup>a</sup> Bertha, por ele referida como "mi viejita". Nas palavras de um de seus biógrafos Cláudio Galván, Gardel, criado em

colégios religiosos "entregou-se à guitarra e ao canto" como "únicas escapatórias para a solidão que compartilhava com a mãe e trabalhava nos mais insuspeitados ofícios, a fim de sustentá-la". Seria um complexo de Édipo?

Ao contrário, suas amizades masculinas foram inúmeras. Começando com José Razzano, "El Oriental" (por ser uruguaio de nascimento); Alfredo Le Pera, brasileiro, paulista, parceiro de suas melhores composições como letrista: "El Dia Que Me Quieras", "Sus Ojos Se Cerraron", "Mi Buenos Aires Querido", "Volver", "Melodia de Arrabal", "Cuesta Abajo", entre outros; Celedônio Flores (El Negro Cele), imortalizado autor da letra de "Mano a Mano"; Enrique Santos Discépolo, compositor e maestro, autor das inesquecíveis composições: "Caminito", "Uno". Em razão disso, existe uma versão em Buenos Aires, negada com veemência pelos seus ardorosos patrícos e admiradores, de que Gardel era homossexual e, um de seus parceiros, teria sido o brasileiro Alfredo Le Pera. A explicação do acidente aviário que o vitimou em 24 de junho de 1935 no aeroporto da cidade de Medellín, Colômbia, teria sido outra. Teria havido uma rusga entre eles na hora da decolagem do aparelho, rumo a Cali. Le Pera sacou do revólver e atirou na direção de Gardel, tendo errado o alvo, e a bala atingiu o comandante do avião, Stanley Harvey. O avião tinha rodado 500 metros na pista, ganhando velocidade, quando ocorreu o fato, batendo em outro aparelho que taxiava na pista.

O corpo de Gardel totalmente carbonizado, foi identificado apenas por uma pulseira, que trazia um endereço - Jean Jaures 735, Buenos Aires - nome de uma rua, na altura do número 3100 da Corrientes, hoje com o nome de rua Norberto Quiro Costa.

Muitas lendas até hoje enriquecem o mito de Carlos Gardel. Uma delas é o de que ao se ouvir um disco de Gardel, deve-se ouvi-lo novamente, pois cada vez que ouvimo-lo, Gardel canta melhor. Outra, seria de que não teria morrido no acidente aviário de Medellín. As queimaduras sofridas deformaram-lhe a face, tornando-o repulsivo e esquivo de seus antigos amigos e platéias. Mas, em algumas noites, nos soturnos "barrios" tão chorados nos versos do poeta Evaristo Carriego, da escola realista, falecido em 1912, ainda pode se ouvir a voz repicante como os acordes de uma guitarra, mas também cristalina e nostálgica do El Morocho de Abasto. Seus restos mortais, apesar de falecido em 24 de junho de 1935, somente chegaram a Buenos Aires pelo navio Panamérica em 5 de fevereiro de 1936. Foi velado durante toda a noite por multidões incontáveis no Estádio Luna Park e, no dia seguinte, seu féretro foi acompanhado pela rua Corrientes, ao longo de setenta quarteirões, até ser depositado no Panteão Internacional dos Artistas do Cemitério da Chacarita. Em 7 de novembro de 1937, foi trasladado até o mausoléu atual, construído através de subscrição do povo. Lá fui visitá-lo em minha última viagem a Buenos Aires. Pude então comprovar o carinho com que os portenhos se dedicam à memória daquele que continua imortal. Particularmente pude notar "un clavel" fixado na lapela de sua estátua em bronze, encimando o túmulo. Verdadeiras romarias são feitas ao inesquecível El Morocho, passados sessenta anos de sua morte. Concluo com o poeta argentino Raul Gonzalez Tuñon: "ahora está más Gardel, y tan lejano; por encima del tiempo, en el territorio donde vagan los dioses desterrados, entre la luz y el aire fugitivo com Carriego, en la nube, mano a mano, distante y pensativo como un tango".

## Homenagem aos Colegas Médicos

ASCLÉPIO, OU  
ESCLÁPIO, OU  
EPIDÁURIO - O SUPREMO  
DEUS DA MEDICINA -  
POR TARCIZO LEONCE  
PINHEIRO CINTRA (\*)

(Taubaté, Maio, 1995)

ZEUS, na Grécia; na Roma, JÚPITER chamado, do divino OLIMPO o supremo deus amado, de LATONA, o deus APOLO bem concebeu, querendo filho seu, de quem se envaideceu; para os gregos em muitos templos adorado, que entre os romanos como FEBO foi tomado; deus do DIA, das ARTES e da MEDICINA, conforme a MITOLOGIA bem nos ensina.

APOLO, ou FEBO, bem sentiu grande ventura, sem sequer prever a consequência futura, de gerar o supremo deus da MEDICINA, a quem reservada estava triste sina: chamado ASCLÉPIOS pelos gregos do passado, como AESCULAPIUS p'los romanos adotado; de fantásticos poderes e grande tino, de fazer bem à humanidade, o seu destino.

Na Argólida, Grécia, uma importante cidade: EPIDAURO, assim chamada com propriedade, bem célebre pela existência de um santuário ao deus ASCLÉPIOS servindo de relicário, de todos os confins atraído doente, que ali se postava, curando num repente. Daí, certo, para ASCLÉPIOS terá surgido o cognome de EPIDAURIOS, mui bem escolhido.

Tão grande, de ASCLÉPIOS, seu poder curativo, que, não satisfeito de só curar o vivo, deu-se à prática de ao morto ressuscitar, fazendo o deus HADE, ou PLUTO, bem se irritar. Pois este, deus dos Infernos, irmão de ZEUS, queixou-se tão amargamente ao supremo deus, de que seu reino se tornava tão deserto, em consequência da ação de ASCLÉPIOS, por certo!

As súplicas, ouvindo, do irmão PLUTO, ou HADE, ZEUS, deveras irado, impôs sua vontade: dos CICLOPES, gigantes de um só olho, apanhou raios mortíferos que a eles encomendou, da forma como pretendeu e os instruiu, e foi com tais raios que a ASCLÉPIOS destruiu! Tragicamente, assim, que desapareceu o bom deus-médico que o mundo conheceu!

(\*) Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra é: médico-psiquiatra aposentado; diretor aposentado da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté; Prof. de Psiquiatria jubilado e Prof. Emérito da Universidade de Taubaté; Conselheiro do Conselho Penitenciário do Estado, atualmente seu Vice-Presidente biênio 95/96; Governador do Distr. 4.600 de R. I., ano 72/73.

gista Dr. José Geraldo Vieira que após se aposentar na medicina no final da década de 40, passou a se dedicar apenas à literatura e às traduções. A edição original é da Editora Itatiaia de Belo Horizonte, mas recentemente a Editora Record publicou a mesma obra com o subtítulo: Vidas Amargas, aliás o mesmo do filme de Elia Kazan, muito famoso na década de 50.

4. AMONTANHA MÁGICA - De Thomas Mann. Trata-se de um monumental livro narrando a vida de Hans Castorp, um paciente com TB, que no sanatório Berghof em Davos - Suíça, incendiava-se de amor por Clawdia Chauchat. Na realidade essa trama é apenas um pano de fundo, em que o autor discute a situação política da época e vai a fundo também na apresentação e discussão dos dramas humanos mais profundos e faz uma defesa intransigente do humanismo numa Europa dilacerada pela opressão, a dúvida e a violência. Prêmio Nobel de Literatura. É um livro emocionante.

5. O DESERTO DOS TÁRTAROS - De autoria de Dino Buzzati, um dos grandes escritores italianos da primeira metade deste século. Buzzati vai a fundo na exploração dos meandros da mente humana. Seu personagem, o Tenente Drogo, representa a solidão de cada um de nós, com desejos

irrealizados, frustrações, até que se percebe que a vida passou e se constata a máxima do poeta "a vida que poderia ter sido e que não foi". A esmerada tradução de Homero Freitas de Andrade e Aurora Fornoni Bernardini, consegue transmitir toda a carga emocional do original italiano. A edição é da Nova Fronteira em brochura, mas em letras grandes e fáceis de ler.

6. MAR MORTO - De Jorge Amado. Um romance de grande força poética onde estão presentes alguns dos elementos característicos da obra do grande romancista baiano: O mar, os pescadores, os amores impossíveis. Através da história do pescador Guma e sua mulher Lívia mergulhamos numa Bahia repleta de personagens fascinantes e uma atmosfera sensual onde a violência espreita a cada esquina.

7. A IDADE DA RAZÃO - De Jean Paul Sartre. A história de Mathieu, um professor de filosofia dilacerado entre problemas pessoais e coletivos. Romance amargo onde Sartre tece suas idéias sobre o existencialismo, filosofia dominante no pós-guerra.

8. DOM CASMURRO - De Machado de Assis. A história de Bentinho e Capitu já é por todos conhecida, mas um aspecto que chama atenção nesse deli-

cioso romance de Machado, é a descrição sarcástica da sociedade brasileira do segundo Império. Machado de Assis, um arguto observador das relações sociais, escreveu um clássico universal, só agora descoberto na Europa e nos Estados Unidos.

9. CRIME E CASTIGO - De Dostoiévski. Numa Rússia Czarista, um estudante de direito - Raskolnicov - que vive em estado de miséria absoluta, assassina uma velhinha e elabora teorias para justificar sua ação. Um dos maiores legados da inteligência humana, essas páginas de Dostoiévski prende a atenção como num moderno thriller hollywoodiano.

10. O LEOPARDO - De Lampedusa. Denso romance que narra a decadência da aristocracia siciliana e a ascensão da burguesia durante o processo de unificação da Itália no século XIX. Um épico à moda de Guerra e Paz de Tolstói, com personagens inesquecíveis. Levado ao cinema por Luchino Visconti, com Alain Delon e Burt Lancaster nos papéis de Tancredi e príncipe de Salinas, respectivamente.

Adão Ferreira de Freitas é médico Cardiologista em Ribeirão Preto e Pedro Ferreira de Freitas é médico Otorrinolaringologista em Campinas.

CRÔNICA DE UM GRANDE PAULISTA:

Nicolau de Moraes Barros Filho

Duílio Crispim Farina

Sua grei de velhas cepas, históricas. Seu progenitor, Nicolau de Moraes Barros, professor insigne da casa de Arnaldo, nosso mestre em ginecologia em dias de glória, ufanía e difíceis de serem ultrapassados na Faculdade de Medicina de São Paulo. Ele, Nicolau de Moraes Barros Filho, na Medicina e na Sociedade, em clarões de fidalguia e talento, a seguir as passadas paternas. Ao folhear o tradicional "O Estado", a notícia de seu desaparecimento, tristeza, saudades intensas quando tivemos a ventura de conhecê-los.

Nicolau de Moraes Barros, da mesma estatura moral e jaez cultural e científico, sucessor na cátedra de Arnaldo Vieira de Carvalho, o fundador de nossa escola e condestável da Medicina Paulista. Lente após brilhante discurso, em provimento memorável. Embebido de ciência germânica, mas pleno também de humanismo gaulês, era forte espírito talhado para a organização e para o comando, homem de iniciativas e realizações, especialistas de largos recursos, cirurgião exímio. De maneira significativa iniciou exemplar escola: "fiel às doutrinas da escola alemã, implantou em nosso meio, a conduta abstencionista, antimutiladora, de respeito ao órgão, por amor à função". Varão de Plutarco, sua figura ímpar, ao lado de Raul Briquet, inolvidável mestre da Obstetrícia, deu à Tocoginecologia elevada estatura, difícil de ser alcançada e impossível de ultrapassagem. O séquito de seguidores dignificou sua obra: José Bonifácio Medina, Waldemar de Souza Rudge, Paulo de Godói, Arnaldo Deliveneri, Félix Queiroz, Carlos Alberto Salvatore, Silas Orlandini Matos e outros de igual magnitude.

Os anos quarenta talvez expressem a ápice, o fastígio da Faculdade de Medicina de São Paulo, também em emulações, humanismo e personalidades marcantes.

Herdara a Casa de Arnaldo o legado cívico-moral de Arnaldo Vieira de Carvalho e a ciência de Alfonso Bovero, vindo de Turim, de seu Peceto Torinese, engastado no contraforte alpino, no Piemonte, a trazer diretrizes e uma metodologia, imersas em Golgi, Morgagni, Cajal e em seus amados mestres Carlo Giacomini e Romeo Fusari, Hertwig e Waldeyer. A isso aduziam-se os professores Brumpt (da França), Doniati e Carini (da Itália), Lambert Meyer, o apoio da Fundação Rockefeller e os egrégios professores dos primeiros dias: Oscar Freire, Franco da Rocha, Ascendino Reis, Oliveira Fausto, João

Alves Lima, Antônio Cândido Camargo, Rezende Puech e Enjloras Vampre.

Após os casarões da rua Brigadeiro Tobias, assomava imponente, inaugurado em 1931 por Sérgio de Paiva Meira, prédio na antiga avenida Municipal e que fora o caminho dos Pinheiros e entrada para o Sertão.

Explendiam na cátedra, Raul Carlos Briquet, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Luciano Gualberto, Ernesto de Souza Campos, Rubião Meira, sábios asclépios e ilustres membros da Academia Paulista de Letras e ainda Flaminio Favero, Arnaldo Amado Ferreira, Aderbal Tolosa, Aguiar Pupo, lentes de máximo conceito e luzeiro de valores a incluir Celestino Bourroul, Ovídio Pires de Campos e a tríade Benedito Montenegro, Alípio Correa Neto e Edmundo Vasconcelos, senhores da Patologia Cirúrgica e tradutor do "Cemitério Marinho", de Paul Valéry.

O maior prêmio para um jovem, era ingressar, após árduos vestibulares e habilitações difíceis, no Colégio Universitário e no Curso Médico da Casa de Arnaldo. Memoráveis tempos de lidas e esperanças. A Sociedade tinha os alunos como expressões destacadas e o respeito coroaava gestos e palavras, manifestos, sempre fiéis às gerações primeiras e às tradições legendárias em prol do Direito e da Justiça.

Repetiam-se os versos de Fagundes Varela, alusivos à Academia de Direito:

"Pode ser que livros não abraisse que não voltasse amar à sábia casta,

mas tinha o nome inscrito entre os alunos da Escola de São Paulo e é quanto basta!"

Ena escola do Araçá, havia entre os estudantes altas emulações, propósitos eloquentes e o respeito aos doutos mestres.

Pois nesse tempo esplendia também a figura e o porte do jovem esculápio Nicolau de Moraes Barros Filho.

Estudante distinto, exemplar, dedicado à cirurgia, participe da célebre comitiva chefiada pelo Prof. Ernesto de Souza Campos ao Japão, no navio "Montevideo Maru", que partiria de Santos aos 20 de novembro de 1933. Docentes ilustres saudosos: Alcides Ayrosa, Max de Barros Erhart, Paulino Longo, Tito Alburquerque Cavalcanti, Carlos Gama, José Moraes de Camargo, Sérgio de Aranha Pereira. Já lendários e saudosíssimos, os então alunos: Plínio de Mattos Barreto; Cícero Jones; Claudino do Amaral, Rubens Malta

de Souza Campos, Aluizio Camará Silveira, Francisco Pinto Lima, José de Rezende Barboza, Álvaro Ambrust, Luis Carlos Borba, Walter Amaral, Francisco da Silva Teles e Roberto Moreira Lima. Acompanhavam a comitiva, a senhora Max de Barros Erhart (o marido, assistente do Professor Bovero) e seu filho Eros (sempre presente, membro de nossa turma de 1947 da Casa de Arnaldo), envolvidos nas mais ternas e caras lembranças. Êxito total, congraçamento, recordação permanente na amizade nipo-brasileira.

A trajetória de Nicolauzinho será sempre ascendente: cursos de especialização (cirurgias de tireóide, hipertensão, etc.), disto e mais aquilo, talento, brilho, critério, dedicação invulgar. Assistente da cadeira de Técnica Cirúrgica do não menos brilhante Edmundo Vasconcelos; novos cursos no Exterior. Homem completo no gesto, no dizer e nos atos, quer nas enfermarias ou no campo operatório. Verdadeiro Senhor da Arte Cirúrgica, com firmeza, segurança, proficiência e positivos resultados. E assim caminhou como assistente de escol também na cadeira de professor Benedito Montenegro, prenunciando a suprema curul. Mas, como diz o ditado francês: "il va accomplir sa destinée".

E assim, em dado momento afastava-se de Hipócrates para exomar os dotes múltiplos em novas e multifárias atividades, sempre coroadas de êxito.

Os anos passados no convívio honroso com pai e filho no velho nosocômio, Instituto Paulista, orgulho da Medicina de Piratininga, enalteceram momentos de nossa existência de mourejador da Arte de Asclepias e registraram personalidades destacadas deste amado São Paulo. A Sociedade e a Medicina de nossa Terra Bandeirante vão colocá-los em definitivo entre as magnas figuras de sua rútila crônica. Saudades antecipadas. Respeito e profunda admiração. Nicolau de Moraes Barros Filho enaltece seus pares e um largo período da vida paulistana. Que seja fixado na memória dos homens!

Temos de afirmar que o idealismo construtivo de Arnaldo chegou a nós, também de forma marcante, nos sábios testemunhos dos dois doutos Moraes Barros, Pai e Filho.

Duílio Crispim Farina  
Membro da Turma de 1947 da Casa de Arnaldo,  
Academia Paulista de Letras,  
Academia Paulista de História e  
Academia Lusfada de Ciências,  
Artes e Letras,  
1º vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Vida Cultural

O presidente da Academia de Letras, Artes e Ciências, Rodrigo Leal Rodrigues, lançou o livro Colcha de Retalhos, na Casa de Portugal. Compareceram muitos intelectuais e o evento foi um sucesso.

Marilze Petroni acaba de encerrar exposição de pinturas na Galeria Grossman. A artista inscreve-se na tradição brasileira da geometria, usando-a como sistema de reflexão, carregado de emoção e sensibilidade.

O Instituto de Desenvolvimento de Ciência da Saúde, a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Faculdade Ibero-Americana de São Paulo lançaram o primeiro número da revista Cultura e Saúde, que traz artigos de grande interesse para médicos e para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, preocupam-se com a saúde das pessoas.

Entre outros temas foram publicados os seguintes: "No rumo de uma cidade saudável". Debate sobre o plano de assistência à saúde", "Evolução das idéias sobre assistência à saúde".

Ana Paladini, após percorrer o circuito do interior paulista, fez sua primeira exposição de pintura em São Paulo. Seu trabalho é vigoroso, intuitivo, espontâneo e informal. Tons sombrios com áreas de luz e cores vibrantes.

Hernani Donato, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, lançou recentemente a obra "Breve história do Brasil, de 1500 a 1995", editado pela Editora Lisa.

A Summus publicou "Introdução à programação neurolinguística", de Joseph O'Connor e John Seymour. Trata de uma introdução agradável e informal à neurolinguística, trazendo visão geral e atualizada das últimas descobertas da área da psicologia aplicada. O leitor vai encontrar explicações e exemplos práticos sobre os seguintes tópicos: como criar empatia com os outros, como compreender e usar a linguagem corporal, técnicas de persuasão, estratégias para a aceleração do aprendizado.

As psicólogas Sílvia Cury Ismael e Maria de Fátima de Oliveira coordenaram e organizaram o livro "Rumos da psicologia hospitalar em cardiologia", reunindo vinte artigos de psicólogos e médicos que tratam de temas ligados às doenças cardíológicas sob a luz da psicologia, tais como: Doença do pânico, gestantes cardiopatas e cardiopediatria.